DOI 10.22478/ufpb.2317-6725.2024v30n51.69507

Livros, livrarias e autores em anúncios e seções literárias do jornal *A Província de São Paulo* (1880-1889)

Books, bookstores and authors in advertisements and literary sections of the newspaper A Província de São Paulo *(1880-1889)*

Rubens Arantes Corrêa
https://orcid.org/0000-0003-0095-7534
Instituto Federal de São Paulo – IFSP

Resumo: O artigo pretende focalizar um tema caro ao campo da história do livro e da leitura, qual seja, o da circulação de livros e impressos, tendo por fonte seções específicas e páginas de anúncios publicados no jornal *A Província de São Paulo*, fundado em 1875 por uma sociedade comercial, integrada por profissionais liberais e fazendeiros ligados ao Partido Republicano de São Paulo, tendo à frente do empreendimento Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos. O jornal teve papel relevante no processo de transição da monarquia para a república seja nas estratégias de sociabilidade intelectual e política, ao reunir nomes como Euclides da Cunha, Júlio Mesquita, dentre outros, seja como fonte de crítica ao sistema político dominante. O trabalho pretende mapear anúncios e seções do jornal a fim de identificar quem eram os livreiros e agentes particulares envolvidos com o comércio livreiro, quais eram as obras e autores veiculados nesses documentos jornalísticos e quais os mecanismos comerciais e logísticos empregados para fazer chegar os impressos até os leitores. A linha metodológica do texto baseia-se nas propostas de Robert Darnton (1990).
Palavras-chave: História do Livro. Imprensa. Circulação de livros. Leitura. *A Província de São Paulo*.

Abstract: The article intends to focus on a topic dear to the field of the history of books and reading, namely, the circulation of books and printed materials, having as its source specific sections and pages of advertisements published in the newspaper A Província de São Paulo, founded in 1875 by a commercial company, made up of liberal professionals and farmers linked to the Republican Party of São Paulo, with Francisco Rangel Pestana and Américo de Campos at the head of the enterprise. The newspaper played an important role in the transition process from the monarchy to the republic, whether in the strategies of intellectual and political sociability, by bringing together names such as Euclides da Cunha, Júlio Mesquita, among others, or as a source of criticism of the dominant political system. The work aims to map advertisements and sections of the newspaper in order to identify who the booksellers and private agents involved in the book trade were, what works and authors were published in these journalistic documents and what commercial and logistical mechanisms were used to get the printed materials to the readers. The methodological line of the text is based on the proposals of Robert Darnton (1990).
Keywords: History of the Book. Press. Book Circulation. Reading. *A Província de São Paulo*.

Introdução

A história dos livros, dos impressos e da leitura conformou-se como campo historiográfico específico a partir da década de 1960, como observa Robert Darnton (1990), tornando-se uma disciplina acadêmica com identidade própria em muitas instituições universitárias europeias. Seu escopo de pesquisa abrange livros, jornais, revistas, folhetos e outros suportes impressos, visando compreender a circulação de ideias e seu impacto junto às sociedades.

Várias áreas do conhecimento, como literatura, sociologia, biblioteconomia, comunicação,

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

convergiam para a configuração do campo, cujas fronteiras abertas e intercambiáveis construíram um instigante terreno de investigação historiográfica, resultando em amplo circuito acadêmico e cultural manifestado em publicações, revistas, cursos universitários, congressos, colóquios e palestras.

Na origem contemporânea dos estudos historiográficos dos livros e impressos, encontra-se o livro de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin *O aparecimento do livro*, publicado originalmente em 1958, obra que abriu caminho para novas investigações sobre o objeto a partir de instigantes proposições interpostas pela Escola dos *Annales*, sendo Febvre, ao lado de Marc Bloch, um dos seus fundadores.

O livro de Febvre e Martin abarca um amplo arco de temas, envolvendo o objeto de estudo desde o desenvolvimento da indústria do papel até o comércio do livro, passando por sua geografia, suas condições de fabricação e impressão, seu valor sentimental, o espaço ocupado por autores, livreiros e tipógrafos até alcançar as dificuldades de sua circulação interpostas por censuras e proibições por parte de regimes políticos e religiosos.

Visando uma abordagem mais interdisciplinar do livro e dos impressos e mirando o "objeto como um todo", Robert Darnton (1990, p. 112) construiu um modelo de análise e investigação identificando, etapa a etapa, o circuito em que se desenvolve todo o "ciclo de vida" dos livros impressos. O processo inicia-se com o autor, passa pelo editor (às vezes, também, no papel de livreiro), impressor (o papel dos tipógrafos e dos equipamentos de impressão são fundamentais), distribuidor e vendedor (quase sempre representado pela figura do agente de livrarias em localidades distantes dos grandes centros), terminando, enfim, com o produto nas mãos do leitor.

Como considera Darnton (1990, p. 112), nenhuma dessas fases da história do livro deve ser subvalorizada, tendo em vista que:

> O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma ideia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos, quer estejam escrevendo sonetos shakespearianos ou instruções para montar um *kit* de rádio.

Ainda no campo dos estudos culturais dos livros, impressos e da leitura destacam-se os estudos de Roger Chartier (2004,1999,1998) que traçam um panorama amplo sobre a história do livro em seus diferentes momentos tecnológicos, as estratégias de comercio e circulação colocadas em prática por livreiros e editores e, mais enfaticamente, a formação e as práticas de leitores e leituras em meio às transformações urbanas que ensejaram a criação de bibliotecas, redes de escolas e veículos de imprensa. Sobre o livro e as práticas de leituras no espaço urbano, levando em conta o caso francês do entre século XVII-XVIII, afirma Chartier (2004, p.173):

> Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, esta suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler, são elas próprias, múltiplas, diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes. Durante muito tempo, uma necessária sociologia da desigual distribuição do livro mascarou essa pluralidade de usos e fez esquecer que o impresso, sempre, é tomado dentro de uma rede de práticas culturais e sociais que lhe dá sentido.

Nesse sentido, um dos suportes mais importantes para a circulação dos livros, em especial na então São Paulo de fins do século XIX, espaço geo-temporal deste trabalho, foram os jornais, que, por meio de colunas literárias específicas, como os folhetins, e anúncios pagos por livrarias e agentes particulares, impulsionaram a divulgação de conhecimento e o comércio do universo

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

livreiro, aproximando o livro de seu público leitor, conforme suas linhas editoriais próprias destinadas à públicos específicos tais como estudantes, mulheres, profissionais da medicina ou do magistério.

Conforme a historiografia da imprensa no Brasil (SODRÉ, 1966; MARTINS & LUCA, 2006; PILAGALLO, 2012), o exercício do jornalismo impresso, regular e contínuo, no país teve um grande atraso em relação à outras regiões do continente tendo em vista a forte censura exercida por agentes metropolitanos durante o período colonial. Mesmo tardiamente – os primeiros jornais datam da primeira década do século XIX – os jornais tiveram, no decorrer do oitocentos brasileiro, relevante papel na formação de uma comunidade de leitores, sobretudo, em momentos cruciais da história política como a Independência, as disputas regionais do período regencial, o movimento abolicionista da década de 1880 e a própria República.

De acordo com Célia Regina de Silveira (2016), em seu estudo sobre circulação de livros em impressos, em algumas cidades da então província de São Paulo, na segunda metade do século XIX, os anúncios veiculados em jornais constituíram-se em importantes canais de ligação entre autores/obras e leitores em um contexto histórico que, do ponto de vista econômico, era marcado pela expansão cafeeira, que provocava mudanças substanciais no espaço urbano e nos hábitos e necessidades, ainda que do ponto de vista cultural não passassem de cidades pacatas, com poucos e precários espaços culturais e altas taxas de analfabetismo.

Em meio a esse cenário, os jornais tornaram-se veículos de propagação e circulação de ideias e hábitos, ao divulgar concepções filosóficas e científicas advindas da Europa, promovendo, assim, discussões e debates sobre os temas políticos mais candentes a respeito daquela conjuntura, pautando os governos em todos os níveis, a exemplo de reivindicações por melhoras na educação. Ademais, ofereciam aos leitores a oportunidade do “cultivo do espírito”, como se chamava à época, que se tratava de folhetins, colunas de poesias e seções de letras e artes.

Nesse rol de apresentação de temáticas variadas entravam os anúncios, que, em geral, cobriam uma gama enorme de mercadorias e acabavam por ditar moda em matéria de consumo, oferecendo desde cervejas alemãs, vinhos portugueses e franceses a vestidos da última moda na Europa, para as moças de boa família, dentre tantos outros produtos e serviços, reveladores, portanto, de mudanças substantivas nos padrões de vida urbana, de consumo e de estilos de vida.

Nessa mesma linha, Marisa Midori Deaecto (2011) realiza abrangente cartografia do livro na cidade de São Paulo do oitocentos, revelando os itinerários de sociabilidades intelectual e literária na capital paulista, ainda provinciana, mas que, acompanhando o ritmo do crescimento econômico proporcionado pelo café, passou a introduzir e disseminar equipamentos urbanos típicos da vida moderna, como livrarias, gabinetes de leitura e imprensa, principais veículos da disseminação da palavra impressa.

Percorrendo o itinerário de instituições como a Biblioteca Pública de São Paulo, fundada em 1825, a Academia de Direito do Largo de São Francisco, criada em 1827, a Casa Garraux, na década de 1860, passando pelo surgimento e incremento das tipografias, da vida intelectual da cidade movida pela juventude acadêmica e literária, Deaecto (2011, p.32) vai mostrando como o então pequeno burgo paulistano tem seu ponto de curva a partir dos anos 1870 passando a tornar-se uma cidade com ares de moderna simbolizados por diversos incrementos urbanos:

> A expansão da cafeicultura, a urbanização, a instalação de setores econômicos modernos – bancos, comércio de importação e exportação, empresas de serviços públicos, transportes marítimos etc. – a emergência uma aristocracia cada vez mais alinhada aos padrões de vida urbanos e o espessamento das camadas médias mudaram a feição da cidade. A combinação de todos esses fatores

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

> aumentou a riqueza circulante e, portanto, a potencialidade de consumo. Mas, vale frisar uma vez mais, nada disso teria efeito sobre o mercado de bens culturais se as atividades do espírito não tivessem se incorporado e criado raízes no seio da cidade e de suas elites.

É nesse contexto que o jornal *A Província de São Paulo* – objeto documental deste trabalho – surgiu como expressão de uma nova sociabilidade urbana e política, reunindo em seu entorno intelectuais, jornalistas e professores bastante influentes, como Francisco Rangel Pestana, Américo de Campos, Américo Brasiliense, Luís Pereira Barreto, Alberto Salles, Júlio Mesquita, dentre outros. Embora não tenha fugido, totalmente, ao modelo de imprensa praticado na capital paulista, como de resto experimentado em outras localidades, o diário paulistano impôs-se, contudo, como veículo moderno em termos de ideias e cultura, conforme acreditava.

O jornal *A Província de São Paulo* surgiu em 1875 na esteira do Manifesto Republicano do Rio de Janeiro de 1870 e do Congresso de Itu realizado em 1873 reunindo fazendeiros de café do oeste paulista que torna-se a partir de então a força política de maior expressão de toda a província paulista e de contestação da ordem monárquica então dominante. O jornal, portanto, vocalizará os interesses desse grupo político-econômico alinhando-se ao movimento republicano e ao Partido Republicano Paulista até a proclamação de 15 de novembro de 1889 quando, então, passa a se chamar *O Estado de S. Paulo.*

O repertório político do diário matutino paulistano estava concentrado, fundamentalmente, na defesa da república, do federalismo e do cientificismo bem ao gosto das filosofias importadas e consumidas pelos intelectuais da chamada Geração 1870, movimento político-intelectual integrado, entre outros, pelo corpo de redatores e colaboradores/colunistas de *A Província de São Paulo.* Rangel Pestana e Américo de Campos, redatores-proprietários desde a criação da folha até subida de Júlio Mesquita ao cargo em 1889, vão se juntar à Luís Pereira Barreto e João Alberto Salles, teóricos positivistas, compondo uma elite de confronto aos valores monárquicos, tal como demonstra Angela Alonso (2002), em seu *Ideias em Movimento.*

As colunas literárias e de livros propriamente dividiam a página 1 com os editoriais e artigos de cunho político. Para o “cultivo dos espíritos” (expressão de época recorrente para se referir aos leitores que cultivavam o interesse pela literatura) *A Província de São Paulo* mantinha a coluna do Folhetim, cuja publicação era regular e sempre comparecia na primeira página, em geral no rodapé, ocasião em que era reproduzida obra de algum autor estrangeiro, a exemplo de Eça de Queiroz. Mantinha, ainda: a coluna Letras e Artes, publicada com relativa frequência, em que eram feitas considerações sobre alguma obra ou autor; poemas esparsos, cuja publicação não tinha continuidade e, por isso, podia surgir em uma edição ou outra, quase sempre na primeira página e pequenas notas, intituladas Bibliografia, Variedades, Noticiário e Avisos, publicadas entre as páginas 1 e 2 e que traziam breves comentários sobre livros.

Nas páginas finais de cada edição, 3 e 4, localizavam-se os anúncios de livrarias, publicações nacionais e estrangeiras, agentes comerciais e vendedores individuais ofertando assinaturas de revistas e encomendas de livros, além de autores e editores anunciando suas obras, o que demonstra a importância do comércio livreiro e também a organização estrutural do jornal, haja vista que anúncios dessa natureza eram reunidos em parte específica, ou seja, não eram diagramados ao longo do exemplar, mas em parte única. Ademais, a ampla variedade de impressos indicava não só a presença expressiva do comércio livreiro, mas também de um público leitor em São Paulo e em cidades próximas que pudessem ser alcançadas pela ferrovia, principal veículo que transportava esses impressos para o interior da província.

As considerações iniciais abrem caminho para o que se pretende nestas linhas, ou seja, identificar, através de anúncios de catálogos de livrarias e colunas literárias do jornal *A Província*

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

de São Paulo, quais obras e autores eram potencialmente lidos pelos paulistas e paulistanos naquele fim de século, bem como dar ao conhecimento quem eram os agentes promotores da circulação de livros daquele tempo e do mercado livreiro. Antes, porém, de entrar na discussão cabe aqui algumas considerações sobre o significado dos anúncios na imprensa brasileira do século XIX.

Anúncios são para além de peças publicitárias e independentes dos suportes que lhes dão vida, discursos que mobilizam interesses comerciais, público consumidor, estratégias de convencimento para despertar necessidades de consumo, envolvendo linguagem e apelos discursivos com a finalidade de aproximar o público-alvo da mercadoria-objeto divulgada. O que parece tão óbvio para o mundo contemporâneo não se aplica com tanta exatidão para o século XIX e, especialmente, para uma sociedade que ainda encontrava-se em processo inicial de expansão urbana com todos os elementos típicos de uma modernização tardia como foi o caso da cidade de São Paulo. Sendo a imprensa e o próprio anúncio publicitário produtos daquilo que viria a ser conhecido como sociedade de massa para o caso do estudo em questão é preciso levar em conta alguns contornos particulares para melhor caracterizá-los.

De acordo com Ângela Cláudia Rezende do Nascimento Rebouças & Ana Karine Pereira de Holanda Bastos (2017: p.1-12), “até meados do século XIX, não podemos chamar os anúncios destinados à venda de produtos, escravos ou ofertas de serviços como um discurso “publicitário””, tendo em vista suas estruturas de linguagem e de disposição de organização gráfica no corpo da página jornalística:

> Bota [Mariana Giacomini, 2013: p.156] afirma que os primeiros indícios do gênero publicitário são encontrados no jornal *Gazeta de Lisboa* (1715) que desde o seu primeiro exemplar já comportava várias notícias e anúncios relacionados à publicidade. Os textos são apresentados nesse jornal separados por uma linha contínua, uma anterior e outra posterior, indicando a margem do texto e o enquadramento da notícia. Os jornais brasileiros seguiram essa mesma estrutura durante anos, onde eram anunciados produtos e serviços de diversas naturezas numa mesma página: venda de casas, chapelaria, fotografias, medicamento e uma valiosíssima mercadoria, o escravo, que fazia parte de quase todas as transações econômicas presentes nos periódicos do século XIX.

Trata-se, justamente, do modelo de anúncio publicitário que o jornal *A Província de São Paulo* então praticava para o escopo temporal estipulado para a pesquisa – 1880/1889, período de acelerado crescimento urbano e econômico da capital paulista. Em uma única página de anúncio era possível encontrar peças comunicando a fuga e a venda de escravizados; a venda de imóveis, geralmente, rurais; bazares anunciando vestidos importados da Europa e destinados às moças de melhores famílias; casas de comércio de máquinas e demais produtos para a agricultura; gabinetes de médicos e cirurgiões para diferentes enfermidades e, perdido em meio a esse universo de consumo, livros.

Os anúncios da Casa Garraux: a grande livraria do Império

Do ponto de vista cultural, em São Paulo, os anos 1860 foram marcados pelo aparecimento da Livraria Garraux, iniciativa de Anatole Louis Garraux, que, ao lado de dois sócios, Guelfe de Lailhacar e Raphael Suarèz, foi responsável pela circulação de livros e outros artigos franceses, todos destinados à um público aristocrático e intelectual cada vez mais ávido por consumir produtos sofisticados e elegantes. Até seu fechamento em 1930, funcionou em diferentes endereços – rua do Rosário, Largo da Sé e, por fim, rua da Imperatriz –,

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

comercializando livros, itens de papelaria, vinhos, licores e caixas de bombons importados, além de funcionar como tipografia.

Deaecto (2008), procurando situar a importância de Garraux na circulação de livros franceses na capital paulista, afirma que o editor e livreiro francês, na década de 1880, havia se tornado figura "célebre na sociedade paulistana", mantendo relações com intelectuais e políticos e protagonizando relevante papel no mercado de livros em São Paulo com a publicação de catálogos abrangendo desde obras literárias em língua estrangeira até as mais diferentes áreas do conhecimento, como direito, medicina, ciências naturais, geografia, religião, ciências sociais e filosofia.

Na edição de 10 de julho de 1884, página 4, em *A Província de São Paulo*, a Casa Garraux anunciou catálogo que havia saído do prelo naquela oportunidade. Visto em seu conjunto, o catálogo mostrava uma variedade de obras em diversos campos do conhecimento, revelador de que havia público consumidor de livros interessado em diversos assuntos. Ao todo, o anúncio traz quinze indicações catalogadas nas mais diferentes temáticas, desde poesia, como *A Cachoeira de Paula Afonso*, e teatro, como *Gonzaga ou a Revolução de Minas*, ambos de Castro Alves, passando por livros didáticos de aritmética para meninos, memórias de general, contos para crianças até *A Educação*, de Herbert Spencer (CASA [...], 1884, p. 4).

De um modo geral, os anúncios da Casa Garraux vinham acompanhado do título pelo qual ficaria conhecida por todo tempo: "A Mais Importante Livraria do Império", possivelmente uma estratégia comercial de legitimação e inserção em um campo[1] social dominantemente marcado por uma aristocracia alinhada ao movimento republicano. Curiosamente, nem sempre anunciava catálogo de livros e sim papéis, envelopes, artigos para bilhar, além de serviços de tipografia e importação, justamente visando atrair um público-alvo mais sofisticado. Os negócios da Garraux iam muito além dos livros, como revela anúncio de 1885, publicado por outro veículo de imprensa da época e, inclusive, dirigido por um dos integrantes de *A Província de São Paulo*, José Maria Lisboa:

> A Casa Garraux, tendo a exposição o sortimento mais rico de Perfumaria e uma infinidade de objetos luxuoso [charutos de Havana, vinhos de Bourdeaux, caixas de fósforos em couro da Rússia...], prova mais uma vez que é a primeira em seu gênero. [...] A variedade em objetos de fantasia e 'artigos de escritório', evidenciam que os seus proprietários procuram todos os meios para bem satisfazer ao mais exigente freguês. (ALMANAQUE LITERÁRIO DE SÃO PAULO PARA O ANO DE 1885,1884).

Contudo, o forte do consumo de livros da Livraria Casa Garraux eram mesmo as edições francesas. Em 29 de dezembro de 1888, *A Província de São Paulo* publicou anúncio em que se lê a respeito do catálogo de edições francesas "Bibliographie" disponível na livraria, constando 23 livros de várias áreas do conhecimento e das artes, tais como economia política e estatística, caso de *Annuaire De L'économie Politique Et De La Statistique*, de Maurice Bloch (1888, 1 v.), ao preço de 6$000; além de psicologia, *Etudes de Psychologie Experimentale*, de Alfred Binet (1 v.), ao preço de 3$000; de literatura, *Poètes et romanciers*, de Elme Marie Caro (1 v.), ao preço de 3$000 e de filosofia, *Le Suffrage Universel et le regime parlamentaire*, de Paul Laffitte (1 v.), ao preço de 3$000. Ademais, havia tratado de toxicologia, história da medicina, equitação, química moderna etc. (BIBLIOGRAPHIE [...], 1888, p. 4).

Livros escolares também eram veiculados pelos catálogos da Garraux, como mostra o

[1] Os conceitos de legitimidade e campo são por demais caros à sociologia de Bourdieu que os compreende como estratégias e espaços de disputas onde os agentes e instituições disputam forças, internamente, visando ocupar posições de poder mediante o capital cultural e político adquirido. BOURDIEU, Pierre (1998).

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

anúncio de 6 de março de 1885 de *A Província de São Paulo* destacando obras de um dos grandes nomes do ensino do Império, Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas, que, embora não tivesse colégio em São Paulo – manteve colégios em Salvador, Rio de Janeiro e Barbacena, conforme Dermeval Saviani (2000: p.41-58) - anunciava suas obras no jornal paulistano. Diz a chamada em letras maiores do anúncio: "Novas Publicações do Barão de Macaúbas" e logo abaixo, em letras menores, referindo-se ao "provecto educador", afirma possuir em catálogo "conhecidos compêndios escolares" construídos "magistralmente pelo dr. Abílio César Borges à luz da moderna ciência pedagógica" (*A Província de São Paulo,* 06.03.1885, p. 3)

E passa a relacionar, em seguida, vários livros, dos quais pode-se destacar três deles, pela atenção que despertam seus títulos, levando em conta a época de sua publicação: *A Lei Nova do Ensino Infantil*; *Propaganda contra o emprego da palmatória e de outros castigos aviltantes* e *Propaganda em prol da elevação dos estudos*. Todos colocados à venda pelo preço de 1$000 cada brochura.

Abílio César Borges, natural do interior da Bahia, era médico por formação, mas, tornou figura de renome no panorama cultural do 2º. Reinado quando passou a dedicar-se à carreira de professor e, principalmente, a de empresário da educação e autor de livros educacionais. Sua biografia e relevância no panorama educacional vai ser retomado, literariamente, em duas passagens: em Raul Pompéia, que não só fora seu aluno no Colégio Abílio, à época instituição estabelecida no Rio de Janeiro, como serviu de inspiração do escritor para a construção da personagem de Aristarco, em *O Ateneu* (1888), obra clássica do realismo brasileiro. Em um momento posterior, Graciliano Ramos, também, que dedica ao Barão de Macaúbas, título nobiliárquico de Abílio César Borges, capítulo de reminiscências de seu *Infância* (1945).

Embora não fosse a única a vender livros importados, a Casa Garraux ficou marcada, na capital paulista, por colocar em circulação e disseminação ampla variedade de títulos franceses, contribuindo para consolidar um tipo específico de leitura destinada para um público com maior poder aquisitivo. Sua estratégia mercadológica visava um público de leitores identificado com as classes aristocráticas de São Paulo que na ânsia de ascensão social buscava no consumo de produtos sofisticados, como livros franceses, aspirar formas de distinção naquela sociedade de fim de século.

Os anúncios da Livraria Popular e sua "Biblioteca Útil"

A Livraria Popular localizava-se na rua da Imperatriz, 35-A. De propriedade de Abílio Aurélio da Silva Marques (1851-1891), mantinha anúncios com o título "Biblioteca Útil", como se pode perceber na edição de 4 de fevereiro de 1880 de *A Província de São Paulo* (BIBLIOTECA [...], 1880, p. 4). O pequeno anúncio, ocupando a lateral da página à direita, divulgava o lançamento do 1º volume do livro *O Espírito Positivo*, de Auguste Comte, cuja tradução e cotejamento haviam ficado a cargo de Joaquim Ribeiro de Mendonça, militante positivista e então presidente da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro.

O positivismo, em suas diferentes vertentes, o determinismo biológico de Herbert Spencer e o darwinismo constituíam as modas filosóficas europeias mais consumidas pelos letrados brasileiros daquele tempo. E, nesse sentido, cumpre destacar que o anúncio da Livraria Popular vinha precedido de referências a intelectuais brasileiros que, justamente, inspiravam-se nos ideias positivistas de Augusto Comte, caso de "Américo de Campos, Américo Brasiliense, Antonio Caetano de Campos, Garcia Redondo, França Leite, F. Rangel Pestana, Joaquim Ribeiro de Mendonça, Luiz Pereira Barreto, Miranda Azevedo, Silvio Romero, José Leão, Júlio Ribeiro [...]" (BIBLIOTECA [...], 1880, p. 4). Tratava-se, provavelmente, de uma estratégia comercial de

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

legitimação no sentido de mencionar o nome dos intelectuais consumidores do produto que pudesse reforçar o valor da obra anunciada.

O título do anúncio, “Biblioteca Útil”, sugere que o leitor deve fazer uma escolha *a priori* da leitura, além de emprestar-lhe um caráter utilitário, o que permite concluir que o livro, objeto do anúncio, tinha uma destinação prática para uma faixa específica de leitores, que, pelos nomes revelados no anúncio, constitui-se em pista a respeito do público-alvo que a livraria pretendia alcançar, ou seja, figuras intelectualizadas e inspiradas nas chamadas filosofias modernas.

Sobre Abílio A. S. Marques, o proprietário da Livraria Popular, sabe-se que era, também, autor de almanaques, tipo de leitura muito comum na época, como o *Indicador de S. Paulo para 1878 – Administrativo, Judicial, Industrial, Profissional e Comercial*, tratando-se de uma compilação de dados estatísticos da capital paulista para aquele ano. Estudando os hábitos de leituras de professores e estudantes da Escola Normal de São Paulo em meio as limitações e dificuldades de acesso aos livros e a formação de uma biblioteca escolar, Carolina Mostaro Neves da Silva (2024, p.10) assim refere-se à Livraria Popular:

> Em agosto de 1880, a Livraria Popular, de propriedade de Abílio Marques, direcionou anúncios na imprensa ao público da Escola Normal, com os compêndios indicados pela Congregação e mais alguns que pudessem interessar aos estudantes, como Lições de história do Brasil, de Joaquim Manoel de Macedo, e Curso teórico e prático de pedagogia de Michel-Charbonneau – que já aparecia em anúncios dessa livraria desde o final da década de 1870. Títulos relacionados aos temas educacionais eram recorrentes em anúncios de livrarias, como a Casa Garraux, que ofereciam livros importados aos leitores paulistas, o que contribuía, em certa medida, para que se pudesse contornar a referida carência local de bons compêndios.

Anúncios da Grande Livraria Paulista ou a Livraria dos irmãos Teixeira

Na edição de 2 de abril de 1882 de *A Província de São Paulo*, consta o anúncio, com letras destacadas, “LIVROS”, propaganda da Grande Livraria Paulista, que se localizava na rua de São Bento, 54-A (LIVROS, 1882, p. 3). Na peça publicitária, o anunciante destaca o seu catálogo de livros envolvendo diversos gêneros, desde *Espumas Flutuantes*, de Castro Alves, até obras completas de autores franceses, como Émile Zola, Alexandre Dumas, Eugene Sue, passando por títulos com indicações práticas e próprias da sociedade daquele tempo, como *Mulheres e crianças* (cartas sobre educação), por Maria Amália, *Educação de mães de família*, escrito por L. A. Martin, *O médico da primeira infância, Conselhos da mulher grávida*, e *Higiene da primeira infância,* obras constantes do catálogo sem indicação de autoria.

As obras autointituladas livros práticos denotam o modelo de sociedade em que se vivia, ou seja, às mulheres eram reservados locais de atuação específicos, a exemplo dos cuidados com a família, o lar, os filhos e ao seu papel de mãe. Tomemos como exemplo apenas os títulos dos livros sugeridos pelo catálogo da Grande Livraria Paulista pincelando palavras e expressões-chave que remetem ao lugar feminino, esperado e controlado por diferentes níveis de poder como pais, médicos, professores: “educação de mães de família”, “mulher grávida”, e a associação automática com a educação e os cuidados com os filhos: “mulheres e crianças”.

O mesmo anúncio ainda reservava outras demonstrações de recorte de gênero nessa linha do modelo social esperado, mas tendo, agora, por mira o público masculino. Havia no mesmo catálogo pequena seção de títulos sob a denominação “Leituras Para Homens” (em letras maiúsculas, caixa alto em negrito) cujo acervo oferecia obras clássicas, como *O Primo Basílio* e *O*

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Crime do Padre Amaro, ambas de Eça de Queiroz, ao lado de obras de pouca importância literária ou artística, como *As mulheres aventureiras* (sem indicação de autor), *História da Lavadeira Gervásia* (sem indicação), entre outras.

Nesse caso, as indicações de leituras para homens, enquadravam a mulher, por meio dos títulos, em outro ou outros lugar(es), em geral, através de atribuições de adjetivos pejorativos, ou desqualificando suas atividades profissionais, ou associando-as a diferentes condições matrimoniais e sexuais: “mulheres aventureiras”, “esposa e virgem”, “lavadeira Gervásia”, “gritos da carne”, “amar, gozar, etc.”. Em lugar da mulher virtuosa, esposa, mãe e responsável pela educação e cuidados dos filhos, a mulher aventureira e símbolo de prazeres.

Desse modo, é possível depreender, a partir da análise de um catálogo de livraria, o modelo de sociedade em que estavam inseridas aquelas obras anunciadas, reproduzindo, no nível da leitura, a hierarquização social e de gênero, sendo que às mulheres cabia a leitura de obras destinadas à sua condição de mãe e dona de casa, responsável pelos cuidados com os filhos, enquanto aos homens, revela-se o oposto, pois a eles era reservada uma “sortida” (termo usado no corpo do anúncio) oferta de livros destinados à sua satisfação masculina.

Mas não só de catálogos de livros populares vivia a Grande Livraria Paulista surgida em 1876 por iniciativa dos imigrantes portugueses Antonio Maria e José Joaquim Teixeira (daí ser, também, chamada de Livraria Teixeira & Irmão, inclusive, com anúncios próprios na imprensa), a partir do comércio de livros em diversos endereços da capital paulista, como as ruas São Bento e Libero Badaró, avenida São João e, por fim, rua Marconi. Funcionava, também, como editora - funções comuns para as livrarias do século XIX, que trabalhavam, ainda, como editoras e tipografias.

Hugo Quintas (2019: p. 1-27)) analisando as trajetórias dos livreiros-editores e suas contribuições para a produção e circulação do livro na cidade de São Paulo de fins do século XIX, afirma que a trajetória comercial dos irmãos Teixeira diferiu da de Garraux que priorizava artigos de luxo e livros franceses optando por um público mais abrangente e popular:

> Desse modo, enquanto o alvo do francês era os livros e artigo finos, o estratagema do português recaia nas mercadorias diversas, baratas, desde manuais à folhetos de cantigas, algumas obras vulgares, outras eróticas. Ele operou no sistema literário por meio de livros direcionados ao povo, como, por exemplo, Noções da vida prática, Novo manual do cozinheiro, Guia de casados, entre outros títulos.

O braço comercial como livreiro-editores dos irmãos Teixeira aparece na edição de 28 de outubro de 1887, em *A Província de São Paulo*, quando do lançamento da 3ª edição de *Aritmética Progressiva*, de Antonio Trajano (ANTÔNIO [...], 1887, p. p. 4). Logo abaixo da chamada principal, o anúncio traz nota explicativa sobre a obra, ressaltando suas qualidades tipográficas: “edição, nitidamente impressa em excelente papel e de conteúdo”:

> Apresenta muito mais desenvolvida a matéria contida nas edições antecedentes [...] gravuras que apresentam as moedas inglesas, francesas e americanas, que servem para o câmbio; exposição e cálculos sobre os específicos dos corpos, e muitos outros esclarecimentos aritméticos [...] uma verdadeira preciosidade para professores e para todas as pessoas que desejam ter noções exatas e claras [dos] números. (ANTÔNIO [...], 1887, p. 4)

Antonio Bandeira Trajano, autor do livro em divulgação pela Livraria Teixeira & Irmão, era português de origem, nascido em 1843 e imigrado para o Brasil quando tinha 14 anos (OLIVEIRA; MESQUITA; NASCIMENTO, 2015, p. 210-211). Teve formação acadêmica como seminarista em

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

instituição protestante do Rio de Janeiro, oportunidade em que começou sua trajetória como professor de aritmética e teologia. Lecionou na Escola Americana de São Paulo, cuja orientação pedagógica era protestante, e foi autor de uma trilogia que marcou época no ensino primário e secundário do tempo, a saber: *Aritmética Progressiva* (1879), *Aritmética Elementar Ilustrada* (1879) e *Aritmética Primária* (1889/1890).

Por outro lado, a importância de um livro era avaliada pela apreciação feita por comentaristas de importância social. No caso do livro anunciado pela Livraria Teixeira & Irmão, a recomendação fora feita, no próprio corpo do anúncio, pelo capitão de mar e guerra Antonio Araújo Pitada, professor de matemática na Escola Normal e no Liceu de Artes e Ofícios da cidade do Desterro:

> Cordialmente agradeço a V.S. a [...] oferta de seu ótimo compêndio. Aritmética Progressiva, onde não sei que mais admire, se exatidão e clareza das definições, se a [...] das regras, se a aplicação do método intuitivo, se o desenvolvimento das [...], se a felicidade da escolha dos [...]. O seu compêndio, pois, merece o [...] universal. (ANTÔNIO [...], 1887, p. 4)

Em São Paulo, no ano de 1887, questões em torno do separatismo eram pauta de discussões intermináveis. Na edição de 23 de agosto de 1887, por exemplo, a Livraria Teixeira & Irmão publicou anúncio do livro *A Pátria Paulista*, de Alberto Salles, importante figura da cena intelectual daquele contexto, além de irmão de Manuel Ferraz de Campos Salles, futuro presidente da República. O anúncio diz: “Este livro, que contém uma estatística minuciosíssima da província e especialmente do porto de Santos está à venda ao preço de 3$000” (A PÁTRIA [...], 1887, p. 2).

O livro de Alberto Salles surgiu no contexto do combate republicano protagonizado por jornalistas, professores, escritores, estudantes e órgãos de imprensa, inclusive a própria *A Província de São Paulo*, momento em que reverberava forte apelo separatista. Embora a ideia de separação tenha recebido apoio de alguns setores paulistas, o livro, ao contrário, acabou não tendo grande recepção pelo público, o que demonstra, talvez, que a ação era mais expressiva do que a leitura teórica e o estudo.

Portanto, enquanto a livraria dos irmãos Teixeira desenvolveu suas atividades voltado para um público, conforme Pina (2015, p. 80), mais tradicional, porque constituído de estudantes e professores da Academia de Direito do Largo de São Francisco, além de jornalistas e membros da elite cafeeira, a Grande Livraria Paulista voltava-se para um público leitor menos segmentado oferecendo catálogos com publicações mais gerais e populares. Ademais, não se pode desconsiderar, ainda, o grande mérito editorial da Livraria Teixeira & Irmão ao publicar a primeira edição de *A Carne*, de Júlio Ribeiro, e *Poesias*, de Olavo Bilac.

Anúncios de livros importados

O mercado de livros em São Paulo da segunda metade do século XIX já se encontrava articulado com representantes e livrarias internacionais, que anunciavam seus catálogos na imprensa paulistana, demonstrando a existência de uma rede em expansão de circulação de livros e impressos entre a capital paulista e a Europa. O anúncio “Livros Úteis”, da Nova Livraria Internacional de Lisboa, publicado na edição de 3 de novembro de 1888 é um exemplo que contribui, de certa forma, para compreender o funcionamento desse circuito (LIVROS [...], 1888, p. 4).

Após a chamada, grafada em caixa alta, o anúncio promove a venda de dois livros: *Prática*

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Judicial, escrito por Vanguerre Cabral, em volume encadernado e voltado para o público profissional do Direito, ao custo de 8$000 fortes (moeda corrente em Portugal à época) e *Dicionário italiano-português*, de Antonio Perfunco, grosso volume encadernado, custando 3$500 fortes (moeda corrente em Portugal à época). O anúncio indicava, em seguida, o Depósito Barata, em São Paulo, como ponto de venda de seus livros no Brasil.

Ademais, comunicava, logo depois, o seu *modus operandi* de envio, todos os meses, de seus catálogos atualizados para os leitores brasileiros interessados, "cobrindo variada gama de assuntos: obras clássicas em português, espanhol, francês e italiano, em edições antigas e modernas e a preços econômicos: expede para o Brasil qualquer encomenda, mas pede que registrem no correio as cartas que lhe dirigirem com valores e pedidos e reciprocamente a mesma casa toma a seu cargo pagar as despesas de seguro ou registro de qualquer encomenda de livros que lhe fizerem". (LIVROS [...], 1888, p. 4)

É o caso, também, da Livraria Azevedo, localizada à rua Direita, 18, que, em anúncio de 20 de dezembro de 1889, expõe catálogo de livros franceses, abarcando gêneros diversificados, como medicina, *Maladies Du Systeme Nerveux*, de Fulgence Raymond, de 1889, conjunto de palestras ministradas na Faculdade de Medicina de Paris pelo autor, que era médico neurologista, e *L' année médicale. Résumé des progrés réalisés dans les sciences médicales,* de Désiré-Magloire Bourneville, político e neurologista; direito, *Théorie Du Code Penal*, de Adolphe Chauveau e Faustin Helie; filosofia, *Cours de philosophie première*, de Pierre Laffitte, filósofo e discípulo de Auguste Comte, dentre outras obras (LIVROS, 1889, p. 4).

Catálogo dispondo de obras em áreas do saber tão diversas sugere que, na São Paulo de fins do século XIX, havia público consumidor de livros, cujo conhecimento, ao que tudo indica, advinha de formação acadêmica especializada em vários segmentos, mas com especial atenção a dois cursos que se mostraram coqueluche da elite à época: direito e medicina. Ainda cumpre observar que a leitura em língua francesa denotava sofisticação e distinção entre as classes, diferenciando os que pertenciam às camadas médias urbanas em ascensão - cujos membros, de modo geral, dedicavam-se às profissões liberais de prestígio, caso da medicina e o direito – de pessoas menos favorecidas e que não tinham oportunidade de receber educação formal, pois se dedicavam ao trabalho manual.

Anúncios avulsos de livros

Também eram frequentes anúncios de livros e outros impressos feitos de forma avulsa e individual, ou seja, o anúncio não era patrocinado por uma grande livraria da cidade. É o caso da peça publicitária de 5 de março de 1881, em que consta uma pequena nota intitulada "Poema Épico", ao indicar a livraria da Empresa Literária Fluminense, localizada à rua Direita, 21, como ponto de venda do livro (POEMA [...], 1881, p. 4).

O título do anúncio, em caixa alta, é seguido pelas referências: "GLÓRIAS BRASILEIRAS, pelo distinto e ilustrado poeta e ex-deputado provincial dr. Mendonça Furtado". Logo abaixo, constam recomendações para que a obra fosse acolhida por escolas e professores: "Deve ser adotado tão profícuo livro em todos os colégios e aulas públicas, porque compete à mocidade estudiosa saber a história de sua pátria". Em seguida, o anúncio reproduz trechos do "poema épico" de Mendonça Furtado:

> Um brado de glória eu quero entoar / Saudando a vitória, cantando o louvor / De tantos valentes que ausentes do lar / Em terras remotas pungidos de dor / De ausência da pátria e do lar / Que aspiram seus filhos, seu bem, seu amor! / Um brado de glória a quem o merece! Um raio Divino meu feito esclarece! (POEMA

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

> [...], 1881, p. 4).

O livro *Glórias Brasileiras*, de Antonio de Castro Mendonça Furtado, objeto de publicidade do anúncio, é uma celebração às tropas brasileiras participantes da Guerra do Paraguai e foi publicado, originalmente, em 1871. Segundo Leonardo Silva (2014, p. 39-40), *Glórias Brasileiras* não passava de uma tentativa de celebração épica dedicada ao Imperador e aos "heróis da guerra", narrando, em versos, eventos relativos à guerra, desde a formação do Estado paraguaio até a morte de Solano Lopez, em 1870.

Os anúncios avulsos de livros cobriam diferenciadas áreas. Em 19 de maio de 1883, por exemplo, o jornal publicizava *Lições teórico-práticas de sintaxe e etimologia da Língua Portuguesa*, de José de Azurara – publicação oferecida em 4 fascículos ao custo de 1$000 e cujo agente autorizado em São Paulo era Jules Martin, residente à rua de S. Bento n. 37, local onde os interessados deveriam procurar a referida obra (LIÇÕES [...], 1883, p. 3).

Jules Martin, francês de Montiers e formado em pintura em Marselha, havia se estabelecido em São Paulo em 1868 onde, entre outras ocupações, se dedicou à litografia, inaugurando sua própria casa litográfica em 1870. A partir desse momento, passou a ser muito conhecido, o que lhe projetou, anos depois, a condição de arquiteto responsável pela construção do Viaduto do Chá, inaugurado em 1892. O anúncio destacava, ainda, o conteúdo da obra de Azurara:

> O autor dedicou estas lições aos moços que frequentam a aula de português da Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio em Santos. Procurou facilitar muito o estudo d'aquelas duas partes científicas da gramática, de maneira que, sem auxílio de professor, pode se aprender a analisar sintática e etimologicamente qualquer discurso, e, portanto, a redigi-lo sob os preceitos gramaticais. Por isto, é de suma utilidade a aquisição d'esta eclética obra, cujas definições são umas extraídas e outras copiadas das principais gramáticas da língua vernácula, em cujo número entra a do ilustrado professor, dr. Augusto Freire da Silva. (LIÇÕES [...], 1883, p. 3).

O autor da obra de interesse didático, conforme o anúncio, era José Joaquim Pereira de Azurara, "mestre-escola" nascido no interior do Rio de Janeiro e que diante de hostilidades de autoridades locais, descontentes com suas ideias educacionais, sofridas no exercício de suas atividades docentes em Paquetá, mudou-se para o interior de São Paulo, onde continuou atuando como docente e jornalista até sua morte em 1920. Seu pequeno livro *Contos de Paquetá*, publicado possivelmente em 1875, receberia apreciações auspiciosas de Machado de Assis, com quem mantinha frequente troca de correspondência (ANDRADE; MARIANO, 2020).

Os anúncios isolados, por outro lado, não publicizavam somente escritores desconhecidos, mas também os consagrados, como Júlio Ribeiro, autor de *A Carne* (1888), professor de português e polemista famoso. É o caso da edição de 28 de dezembro de 1888 (GRAMÁTICA [...], 1888, p. 4), em que se lê anúncio de sua *Gramática Clássica Latina*, sem a assinatura de uma casa editorial, livraria ou agente de livros, dando a entender que se tratava de uma iniciativa editorial do próprio autor. Após destacar as qualidades tipográficas do livro – "Um Grosso Volume em Oitavo Grande, cartonado ao preço de 5$000" -, o anúncio afirmava:

> O autor, não se tendo poupado a sacrifícios para levar a efeito o concurso dos interessados, a saber, dos srs. professores e diretores de colégio, para que com menos dificuldade possa ele realizar o seu cometimento. No escritório desta folha [A Província de São Paulo] aceitam-se assinaturas para qualquer número de exemplares a razão de 4$000 o exemplar, pagamento adiantado. A obra completa será posta à venda em fins de março de 1889, podendo os srs. subscritores ir

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

> recebendo os fascículos à proporção que se forem eles tirando. (GRAMÁTICA [...], 1888, p. 4).

Àquela altura, Júlio Ribeiro já era um escritor e professor reconhecido em São Paulo, tanto que em 27 de dezembro de 1888, a Livraria Teixeira & Irmão anunciou, em *A Província de São Paulo*, catálogo de livros, acompanhado da recomendação de que se tratava de obras aprovadas pelo Conselho Superior de Instrução Pública e destinadas para uso em estabelecimentos escolares, sendo oito livros de Júlio Ribeiro: *Gramática da Puerícia*, *Gramática Portuguesa*, *Questão Gramatical, Cartas Sertanejas*, *Traços Gerais de Linguística*, *O Padre Belchior de Pontes*, *A Carne*, *Escola Normal* (LIVROS [...], 1888, p.3)

Além de exímio gramático e autor de obras literárias vinculadas à estética realista-naturalista, Júlio Ribeiro era, também, polemista afiado, conhecido pelas contendas que travou com políticos, escritores e religiosos. Com o padre Senna Freitas, por exemplo, envolveu-se em debates através das páginas de *A Província de São Paulo* ao longo dos anos 1888/1889, sobretudo por conta das acusações que lhes eram imputadas pelo religioso, que considerava sua obra de natureza pornográfica.

Roberto Ventura (1991), estudando o fenômeno das polêmicas e contendas literárias envolvendo escritores brasileiros na transição do século XIX para o XX, afirma se tratar de fenômeno frequente, haja vista que a imprensa era o suporte material único e, portanto, indispensável para o exercício intelectual naquele momento histórico, fato que levava escritores a exporem (e se exporem), publicamente, opiniões e divergências em relação aos demais colegas da área.

Outro autor frequente na seção de anúncios isolados e que teve muito bom trânsito na imprensa foi o escritor Horácio de Carvalho, cujo livro, *O Cromo*, de 1888, foi objeto de diversos anúncios em várias edições de *A Província de São Paulo*. Em 27 de dezembro de 1888, anunciaram a obra como “romance naturalista” e comunicava-se aos interessados que o livro se encontrava à venda, tanto na Casa Garraux como na Livraria Teixeira e Irmão (O CHROMO, 1888, p. 3).

O livro de Horácio de Carvalho veio a público no contexto de elevação da estética naturalista-realista entre os escritores brasileiros, em concomitância, também, às obras *O Ateneu*, de Raul Pompeia, e *A Carne*, de Júlio Ribeiro. *O Cromo* ganhou recepção favorável desde o seu surgimento, fossem críticas ou resenhas em jornais - como na edição de 1º de janeiro de 1889, de *A Província de São Paulo*, em que anunciam a publicação de estudo crítico a cargo de Lívio de Castro. Apesar da boa recepção da obra, o nome de Horácio de Carvalho não ganhou igual relevância alcançada pelos outros escritores filiados à mesma tradição literária.

O estudo de Lívio de Castro começou a ser publicado na edição de 4 de janeiro de 1889, em que lançou mão das teorias evolucionistas, das quais era adepto, para analisar a obra de Horácio de Carvalho (O CHROMO, 1889, p. 1). O artigo é um ensaio sobre a formação do povo brasileiro, desde os tempos da chegada dos portugueses até a data da abolição da escravidão. Faz referências, ainda, à escravização de indígenas e africanos destacando o caráter nocivo da prática da escravidão para a constituição da mentalidade do homem brasileiro.

Ademais, condenava a avareza do colonizador, destacando o papel do Bandeirante para a consolidação do espírito tenaz, audacioso e utilitarista entre paulistas e mineiros. Comentava que, logo após a abolição, os negros de São Paulo subiram a serra do Cubatão, lembrando a tradição das comunidades negras iniciadas por Palmares. Por fim, Lívio de Castro valia-se de teorias raciais muito em voga à época, em função da ciência antropológica, para analisar *O Cromo*.

Horácio de Carvalho assumiu a redação do jornal *Diário Popular* – periódico fundado por

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

dois jornalistas egressos de *A Província de São Paulo*, Américo de Campos e José Maria Lisboa -, no mesmo ano de 1888, passando a integrar a chamada sociabilidade republicana paulistana, cuja atuação destacava-se como intelectual, membro e fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e político, pois assumiu o cargo de oficial de gabinete de Prudente de Morais, quando este foi nomeado presidente do Estado de São Paulo.

Livros e autores em "Letras e Artes"

Outra prática de divulgação de livros e autores comum à época eram as seções literárias específicas de resenhas e comentários, como a coluna "Letras e Artes", mantida com relativa regularidade por *A Província de São Paulo*, que ocupava, geralmente, a primeira página do jornal.

Na edição de 22 de março de 1889, por exemplo, a referida seção publicou uma resenha do livro de contos *Horas Alegres* de Valentim Magalhães, editado pela Laemmert & Comp., do Rio de Janeiro, em 1888. A resenha, sem assinatura, destacava os aspectos estéticos do conto, enquanto gênero literário, afirmando tratar-se de "extremamente difícil" e que "poucos [...] têm conseguido cultivá-lo com sucesso", além de Machado de Assis, Júlia Lopes de Almeida e Valentim Magalhães (LETRAS [...], 1889b, p. 1).

Em seguida, passou a destacar as características internas do livro de contos de Valentim Magalhães, nos seguintes termos: "correção de linguagem", "estilo satírico, alegre [e] vivaz", para deter-se, na terceira parte da obra, composta de três contos, cujas narrativas remetem aos tempos em que São Paulo ainda era um burgo de estudantes.

Valentim Magalhães, romancista, poeta e contista, viveu a sociabilidade acadêmica em torno da Academia de Direito de São Paulo na metade da década de 1870 e início dos anos 1880, militando em jornais e periódicos estudantis ao lado de Raul Pompeia, Silva Jardim, Luiz Murat, Raimundo Correia, dentre outros. Não construiu uma obra de envergadura dentro da literatura brasileira, mas, apesar disso, participou ativamente da fundação da Academia Brasileira de Letras.

Variados assuntos eram tratados pela coluna. Como na edição de 23 de março de 1889, em que a coluna "Letras e Artes" publicou, sem assinatura, resenha do livro de Leopoldo Amaral intitulada *Vespertina,* obra lançada com o selo da editora Casa Livro Azul, de Campinas. Tratava-se de um livro de músicas para piano escrito pelo "jovem maestro campineiro". Dizia o colunista que *Vespertina* era "uma deliciosa mazurca, escrita com muito sentimento e que revelava seu autor extraordinário gosto pela arte" (LETRAS [...], 1889a, p. 1).

A resenha destacava, ainda, a existência de uma sociabilidade musical na cidade de Campinas, naquele final do século XIX, ao citar João Pedro de Sant'Anna Gomes, irmão do maestro Carlos Gomes, e o Club Semanal de Cultura Artística, onde se apresentava Leopoldo Amaral, como integrante da orquestra da Sociedade Carlos Gomes, tocando trompa. Leopoldo Amaral destacou-se, também, como cronista e historiador de fatos relacionados a Campinas, registrados em seu almanaque *A Cidade de Campinas – 1901*, além de participar da sociabilidade republicana ao lado de personalidades destacadas daquele movimento político, como Francisco Glicério, Campos Salles, Francisco Quirino dos Santos, dentre outros.

E assim valiam os resenhistas da coluna para avaliarem as obras literárias, fossem na forma de conto, música ou poesia, como na edição de 5 de abril de 1889, em que, novamente, comparecia Lívio de Castro, para tecer considerações sobre o livro de estreia de José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque, intitulado *Pecados,* analisado à luz da filosofia evolucionista e positivista (PECCADOS [...], 1889, p. 1).

Diferentemente dos anúncios de livrarias, "Letras e Artes" privilegiava obras literárias,

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

enquanto nas peças publicitárias, em geral, predominavam obras de caráter técnico, científico e filosófico, o que vinha ao encontro das classificações empregadas, à época, para as diferentes leituras, distinguindo as destinadas ao "cultivo do espírito" das literárias e "úteis", voltadas ao público iniciado em temas científicos e filosóficos.

Conclusão

Na segunda metade do século XIX, São Paulo destacava-se por estar na esteira das transformações provocadas pelo setor agroexportador cafeeiro, momento em que assistiu ao aparecimento e a intensificação de equipamentos culturais que modificaram profundamente os hábitos e costumes de sua população. Desde a fundação da Academia de Direito, em 1827, uma sucessão de novos espaços estruturou-se na cidade: imprensa, livrarias, gabinetes de leitura, bibliotecas, escolas.

A imprensa, por sua vez, exerceu importante papel na difusão de ideias e novas necessidades, impactando o modo de vida da população. A seção de anúncios dos jornais representava registros dessas novidades materiais, ao apresentar um portfólio de mercadorias dos mais diversos ramos – máquinas, roupas, joias, ferramentas, remédios, livros, dentre tantos outros produtos.

Os anúncios de jornais, como os de *A Província de São Paulo*, representaram um importante veículo para a circulação e divulgação de livros, livrarias e de agentes particulares em diferentes formatos de publicidade – grandes, pequenos, isolados, por apresentarem uma única obra, peças publicitárias de catálogos, chamadas com letras maiúsculas e em negrito – oferecendo a possibilidade de rastrear o público a que eram destinados os livros e quais leituras eram praticadas, conforme variados critérios.

Por outro lado, os anúncios de *A Província de São Paulo* permitiram o conhecimento dos livreiros instalados na cidade e suas estratégias de comércio de livros, procurando associar seus catálogos com a oferta de outras mercadorias no intuito de ampliar sua clientela.

Por fim, as seções internas dos jornais dedicadas às letras revelaram outro perfil de leitor, ou seja, aquele consumidor de gostos literários e estéticos que se dedicava ao "cultivo do espírito", para usar a expressão corrente na época, o que explica a predominância de romances, poesias e outros gêneros textuais nessas seções.

Referências

A PÁTRIA Paulista por Alberto Salles. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XIII, n. 3718, p. 2, 23 ago. 1887.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, ano X, n. 2717, p.4, 10.04.1884.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, ano [documento prejudicado], n. [documento prejudicado], p. 4, 06.03.1885.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, ano XIV, n. 4124, p. p. 3, 29.12.1888.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, ano XIV, n. 47120, 01.01.1889.

ALMANAQUE LITERÁRIO DE SÃO PAULO PARA O ANO DE 1885, São Paulo, 1884. [Publicado por José Maria Lisboa e impresso na Tipografia de *A Província de S. Paulo*].

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento:* a Geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo:

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, José Cardoso de; MARIANO, José Mauro da Silva. *Azurara*: um educador pré-freiriano e o seu algoz da Ilha de Paquetá. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2020.

ANTÔNIO Trajano. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XIII, n. 37374, p. 4, 28 out. 1887.

BIBLIOGRAPHIE Casa Garraux. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XIV, n. 4124, p. 4, 29 dez. 1888.

BIBLIOTECA Útil. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano VI, n. 1484, p. 4, 4 fev..1880,

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CASA Garraux. *Província de São Paulo*, São Paulo, p. 4, 10 jul. 1884.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro:* do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros:* leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1999.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime.* São Paulo: Editora UNESP, 2004.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros*: instituições e práticas de leituras na São Paulo oitocentista. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2011.

DEAECTO, Marisa Midori. Anatole Garraux e o comércio de livros franceses em São Paulo (1860-1890). *Revista Brasileira de História*, vol. 28, n. 55, p. 85-106, 2008. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-01882008000100005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/x8fkRzQcprfvSfgcyBzxfMk/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 17 fev. 2024.

GRAMÁTICA Latina Clássica por Júlio Ribeiro. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XIV, n. 4123, p. 4, 28 dez. 1888.

LETRAS e Artes. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XV, n. 4192, p. 1, 23 mar. 1889a.

LETRAS e Artes. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XV, n. 4191, p. 1, 22 mar. 1889b.

LIÇÕES teórico-práticas de Syntaxe e Etymologia da Língua Portuguesa por José de Azurára. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano IX, n. 2449, p. 3, 19 maio 1883.

LIVROS. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XV, n. 4416, p. 4, 20 dez. 1889.

LIVROS. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XIV, n. 4122, p. 3, 27 dez. 1888., p. 3.

LIVROS. *A Província de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 2 abr. 1882.

LIVROS Úteis. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XIV, n. 4077, p. 4, 3 nov. 1888

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP,

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

2006.

O “CHROMO”. Estudo de Temperamentos. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XIV, p., 1, 4 jan.1889.

O CHROMO. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XIV, n. 4122, p. 3, 27 dez. 1888.

OLIVEIRA, Marcus Aldenisson; MESQUITA, Ilka Miglio de; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. A trilogia Arithmetica, de Antônio Bandeira Trajano: um projeto inovador e modernizador para ensinar aritmética. *Revista brasileira de história da educação*, vol. 15, n. 1, p. 201-234, jan./abr. 2015. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204973. Acesso em: 17 fev. 2024.

PECCADOS, Medeiros e Albuquerque. *A Província de São Paulo*, São Paulo, ano XV, n. 4202, p. 1, 5 abr. 1889.

PILAGALLO, Oscar. *História da imprensa paulista:* jornalismo e poder, de D. Pedro I a Dilma. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PINA, Paulo Simões de Almeida. *Uma história de Saltimbancos*: os irmãos Teixeira, o comércio e a edição de livros em São Paulo entre 1876 e 1929. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16032016-140819/publico/2015_PauloSimoesDeAlmeidaPina_VOrig.pdf. Acesso em: 17 fev. 2024.

POEMA Épico. *A Província de São Paulo*, São Paulo ano VII, n. 1804, p. 4, 5 mar. 1881

QUINTA, Hugo. Garraux e os irmãos Teixeira: os livreiros-editores da Pauliceia finissecular. *Tempos Históricos,* vol. 23, 2019, p. 289-315.

REBOUÇAS, Ângela Cláudia Rezende do Nascimento; BASTOS, Ana Karine Pereira de Holanda. Os anúncios publicitários do século XIX e XX: tradições discursivas nos jornais do Recife. Anais do IV Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais. Campina Grande – PB, 27 a 29.04.2017. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/sinalge/2017/TRABALHO_EV066_MD1_SA13_ID800_22032017100236.pdf. Acesso em 19 fev. 2025.

SAVIANI, Dermeval. Um barão brasileiro no congresso internacional de Buenos Aires: as ideias pedagógicas de Abílio César Borges, o Barão de Macahubas. *Revista História da Educação.* Pelotas: UFPel/ASPHE, v. 4, n. 7, jan./jun. 2000.

SILVA, Carolina Mostaro Neves da. Professores e seus estudos: biblioteca, livros e leituras na Escola Normal de São Paulo (século XIX). *Educ. Pesqui*., São Paulo, v. 50, e262098, 2024, pp. 1-19.

SILVA, Leonardo de Oliveira. *As Armas do Império*: Guerra do Paraguai, literatura do Brasil. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-16012015-104626/publico/2014_LeonardoDeOliveiraSilva_VOrig.pdf . Acesso em: 17 fev. 2024.

SILVEIRA, Célia Regina de. A imprensa paulista na década de 1870: lócus de divulgação e circulação de impressos. *Revista de História Regional*, vol. 21, n. 2, p. 530-550, 2016. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/9149/5482. Acesso em: 17 fev. 2024

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical*: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Notas de autoria

Rubens Arantes Corrêa, pós-doutorado em História pela UNESP de Assis e professor do IFSP campus Birigui. E-mail: rubens.arantes65@gmail.com

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista
CORRÊA, Rubens Arantes. Livros, livrarias e autores em anúncios e seções literárias do jornal *A Província de São Paulo* (1880-1889). *Sæculum – Revista de História*, v. 30, n. 51, p. 25-42, 2024.

Contribuição de autoria
Não se aplica

Financiamento
Não se aplica

Consentimento de uso de imagem
Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa
Não se aplica

Licença de uso
Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico
Recebido em 01/03/2024
Modificações solicitadas em 03/02/2025
Aprovado em 06/03/2025

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional